



## CONSUMO EXCESSIVO E O MODELO DE ECONOMIA DE MATERIAIS

Autor: Marcio de Cássio Juliano

Recentemente assisti a um filme, via internet, chamado originalmente: *The Story of Stuff*, com tradução literal para o português de *A história das coisas*.

O referido curta metragem, com aproximadamente 22 minutos, nos remete a uma reflexão sobre como o consumismo desenfreado é gerado e quais suas consequências sobre os seres humanos e o meio ambiente em que vivem.

Em meio a uma crise econômica que assombra o planeta, é interessante dar atenção para o contexto em que ela surgiu. Independentemente de ideologias e baseados na realidade dos fatos, realizaremos uma análise de uma cadeia linear que se inicia na obtenção de matérias-primas para a produção de bens de consumo e termina no desuso e descarte desses bens.

Parece um simples exercício de reflexão sobre um modelo econômico, mas se trata de uma séria questão de preservação das espécies – inclusive a humana – e o meio ambiente em que habitam e que dele sobrevivem.

O atual modelo consumista é denominado de “A economia dos materiais<sup>1</sup>” e é composto de cinco etapas, na seguinte sequência: extração, produção, distribuição, consumo e descarte.

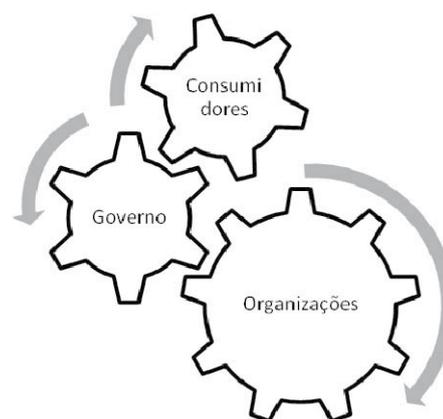
O modelo é dependente do poder de decisão das pessoas<sup>2</sup> e são as organizações que mais poder detêm. Para se ter um parâmetro, das cem maiores economias do mundo, 51 são conglomerados organizacionais que possuem poder econômico maior que muitos países.

Logo atrás no *ranking* do poder de decisão, vem o governo que deveria ter como responsabilidade amparar e cuidar do seu povo, porém, a crise

atual nos mostra que os governos estão mais preocupados com as grandes organizações do que com o seu próprio povo, haja vista a recente estratégia de estatização dos bancos europeus, para evitar piores consequências da crise.

Com menor poder de decisão, os consumidores são estimulados explicitamente a consumir de maneira desenfreada.

### 1 - Poder de decisão das pessoas



### 2 - Modelo da economia de materiais





A primeira etapa do modelo é a extração de recursos naturais que, comprovadamente, é limitada. É nessa etapa que são geradas as primeiras consequências negativas. A extração sem escrúpulos está acabando com as florestas, alterando a geografia, como no caso da extração de metais e minerais por crianças e adolescentes no Congo, envenenando a água e o ar do planeta e reduzindo em quantidade e diversidade as nossas flora e fauna.

Durante os últimos 30 anos, foram consumidos 33% das reservas de recursos naturais do planeta. Os EUA, por exemplo, o País mais consumista do mundo, abriga cerca de 5% da população mundial, porém, utiliza 30% dos recursos naturais do planeta e é responsável por 30% do que é desperdiçado no mundo inteiro. Se todos os países consumissem na mesma proporção que os EUA seriam necessários mais três planetas como o nosso para dar conta de toda a demanda. Trazendo para o nosso contexto, só na Amazônia são derrubadas 2.000 árvores por minuto.

Na segunda etapa do modelo, está a produção, ou melhor, a transformação dos recursos naturais em bens de consumo. Para tanto, precisa-se de energia para mover os processos de transformação, tal energia é outro fator de alteração e risco ao meio ambiente, pois as principais fontes de energia são o petróleo, o carvão, a energia nuclear ou a hídrica. Esta última exige o represamento da água e a formação de grandes lagos artificiais que alagam regiões e obrigam a migração das espécies que lá viviam. É nessa fase que é adicionada aos recursos naturais uma vasta gama de produtos poluentes e venenosos que passarão a integrar os produtos acabados. Atualmente, existem 100.000 produtos sintéticos que são adicionados às matérias primas e apenas uma pequena parte deles foi estudada no que diz respeito ao seu impacto na saúde das pessoas ou na degradação ambiental. Isso significa que quase tudo o que

possuímos é composto por uma parcela de produtos tóxicos cujas consequências para a nossa saúde são ignoradas. Só para citar um pequeno exemplo, alguns travesseiros contêm em sua composição um retardante de chamas a base de brometo. Essa substância é uma neurotoxina altamente nociva para o nosso sistema neural, porém, muita gente sem saber, dorme confortavelmente nesses travesseiros.

Apenas essas duas etapas da cadeia contribuem significativamente para que as pessoas que obtinham seu sustento nos ambientes devastados se transformem em nômades contemporâneos, abandonando seu habitat natural e procurando oportunidades de trabalho e, por consequência, sustento nas organizações produtivas. Então além do meio ambiente, as pessoas que viviam nele também são prejudicadas, mas isso, apesar de preocupante, não é tudo, ainda temos mais três etapas do modelo.

A terceira etapa do modelo é a distribuição e é por meio dela que os produtos chegam ao consumidor. Nessa fase, a premissa é vender o melhor pelo menor preço, que nem sempre retrata o esforço despendido para a produção do produto. Vamos tomar como exemplo um rádio de pilha vendido por R\$ 12,00 por um camelô qualquer. Esse rádio tem peças plásticas que advêm de um custoso processo de extração e refino do petróleo, provavelmente obtido no Iraque. A moldagem das peças plásticas do rádio é realizada em países como a China. Os componentes eletrônicos são oriundos de matéria-prima extraída da África do Sul e, finalmente, a montagem deste rádio é realizada no México. Ainda devem-se considerar os custos do transporte, armazenamento, salários e mais outros tantos necessários para que o rádio chegue à mão do consumidor e transmita a programação das emissoras. A pergunta é: Como um rádio pode custar só R\$ 12,00? Ainda bem que a resposta está na ponta da língua. A economia de escala permite que os custos sejam diluídos e que uma



grande parte da população tenha a oportunidade de ouvir um rádio. Isso quer dizer, todo produto deve, necessariamente, ter uma grande previsão de consumo para viabilizar a escala de produção e diluir os seus custos.

Na penúltima etapa temos o motor do sistema, a necessidade do consumo desenfreado para viabilizar a extração, a produção e a distribuição. Governo e organizações se engajam na árdua tarefa de fomentar o consumo para alimentar o sistema tão ferozmente e irresponsavelmente que chegam ao ponto de emitirem declarações tão descabidas como a do presidente George Bush após os atentados de 11 de setembro de 2001: “Eu sugiro que o povo americano vá às compras para amenizar o efeito do terrível desastre provocado pelos nossos inimigos”.

Somos bombardeados pelos diversos tipos de mídia com mais de 3.500 anúncios por dia. Uma questão relevante dessa história é que pesquisas apontam que pouco mais que 90% do que se compra é descartado em até seis meses da data da compra. Isso significa que só 10% do que se consome tem utilidade maior que seis meses. Isso se deve a duas estratégias para aumentar o consumo: a obsolescência planejada e a obsolescência perceptiva. A primeira planeja, intencionalmente, um produto que tem uma vida útil pré-determinada, geralmente curta. A segunda está relacionada com a moda ou com a tecnologia, quando um produto, ainda útil, cai em desuso ou é descartado porque sua cor não está mais na moda ou pelo surgimento de um produto que tem uma nova função, que geralmente será pouco utilizada pelo seu usuário.

Finalmente, chegamos à última etapa do sistema, o descarte. O motor do consumismo gera uma grandiosa quantidade de lixo (uma família típica gera aproximadamente um quilo e meio por dia na sua residência), que é “tratado” pelos órgãos competentes de duas maneiras: enterrando-o em aterros ou

incinerando-o. Em qualquer uma delas, todos aqueles componentes químicos, venenosos e altamente perigosos para o ser humano e para o ambiente que o sustenta é irresponsavelmente liberado.

O modelo descrito sucintamente até aqui é consequência de um planejamento realizado ao final da segunda guerra mundial para priorizar o consumo e impulsionar a economia cujo lema era: “A nossa enorme economia produtiva exige que adotemos o consumo como forma de vida” (Victor Lebourg).

Só nós temos a oportunidade, e por que não dizer o dever, de criarmos alternativas sustentáveis que possam substituir esse modelo altamente destrutivo. Algumas vozes já ecoam defendendo um consumo consciente, que respeite e preserve o nosso planeta e toda a vida que dele depende. Oxalá essas vozes sejam ouvidas e fomentem um expressivo movimento de mudança cultural que possa originar um modelo menos agressivo ao planeta e aos seus habitantes.

Um grande amigo costuma dizer que existem, basicamente, dois tipos de pessoas: as que realizam e as que criticam. Para não ficar no segundo grupo, daremos continuidade ao tema com artigos que contenham soluções para reduzir os efeitos nocivos de cada etapa.

Até breve!